

**AMOROSIDADE E HUMANIDADE: O DISCURSO COMO SUPERAÇÃO NA
OBRA DE INGO VOESE¹**

Maria Marta Furlanetto²

Fábio José Rauhen³

Uma das últimas produções intelectuais do professor Ingo Voese (1940-2007), pensador incisivo e instigante, foi publicada na revista *Linguagem em Discurso* v. 7, n. 2, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, e traz como título “O discurso como martelo e superfície ou como (não) silenciar inquietações”. Iniciamos fazendo essa referência porque a) essa edição lhe foi dedicada pelos editores da revista, considerando o valor de sua obra, seu importante papel na implantação do campo dos estudos do discurso no Brasil e, mais ainda, a postura humanista e o comprometimento com o desenvolvimento da ciência no país; b) pelo que representa esse trabalho como síntese, no momento em que nos deixou, de um pensamento humanista, eticamente preocupado com os rumos do País e do mundo. Marcadamente angustiado pela desumanização do mundo dos homens, a linha mestra do trabalho de Voese era encaminhar uma reflexão “sobre os efeitos dos equívocos conceituais e operacionais e a importância do discurso para a sua superação”. Era sua convicção que, ao renunciar à referência individualista, um discurso abre caminho para aproximar-se de valores éticos e ecológicos, abandonando a violência e a exclusão. Daí a sua insistência no “discurso da amorosidade”.

Nosso colega Ingo Voese faleceu no dia 31 de julho de 2007, num momento em que nos encontrávamos no afogamento dos últimos preparativos para o IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), sediado no campus de Tubarão da Unisul. Conquanto tivéssemos conhecimento de sua doença, que o obrigara a uma cirurgia delicada cerca de um ano antes, a notícia de sua morte nos chegou como uma tempestade em mar sereno. Deixara apenas um discreto aviso de que precisaria realizar uma segunda cirurgia, e nada em seu comportamento e em seu semblante, nas últimas semanas, prenunciava a notícia que chegaria através de um pupilo mais próximo.

Ingo, conosco desde 2002, era discreto por excelência. Se o ambiente de trabalho era importante para ele – que demonstrava estar sempre, mesmo ao nos lançar um simples olhar, envolto em largas reflexões cheias de meandros –, a paixão maior de seu

cotidiano era a família, da qual narrava pequenas histórias que eram as de um professor a ensinar lições de vida cheias de poesia. Não era um homem do amontoado urbano: ele se refugiava com a mulher e seus dois garotos especiais em lugares pitorescos. O alto do morro da Glória, em Laguna, com muito verde, o mar à volta, os cães e as abelhas que lhes forneciam o bom mel eram sua vida doméstica de sonho. Um poeta convivendo harmoniosamente com o rigoroso intelectual...

Embora fugidio – porque, ao cumprir suas tarefas acadêmicas, poucas vezes desfrutamos de sua companhia para um café descontraído, um almoço, um jantar ou um festejo de grupo –, sua companhia em momentos de pausa nos permitia ouvir inúmeras histórias, contadas com inteligência e bom-humor. Não que não tivesse momentos de impaciência e irritação, que também não escondia. Mas o querido colega deixou tantas saudades que ainda hoje, quase um ano passado, temos a impressão de vê-lo subindo ou descendo as escadas, fazendo uma palestra, cruzando conosco e fazendo um comentário cheio de verve. Ele dizia coisas que faziam refletir...

Voese deixou um espaço difícil de ser preenchido nos debates sobre linguagem, uma vez que, em suas reflexões e estudos, se atinha a questões bastante difíceis de serem discutidas, às quais poucos estão afeitos. Bakhtiniano até o fundo da alma, ele conduzia suas explorações sobre o discurso de um modo típico: associava as teorias de Bakhtin especialmente aos trabalhos filosóficos de Heller e Lukács, pelos quais víamos que sentia, como estudioso, um grande respeito.

Já em nosso convívio, em 2003, Ingo organizou o primeiro número temático de nossa revista *Linguagem em (Dis)curso*, cujo assunto era a “subjetividade”.⁴ Conseguiu reunir em um único fascículo pesquisadores de grande relevância e prestígio no quadro da Análise do Discurso de linha francesa no Brasil, construindo um painel dos mais respeitáveis sobre esse tema, ao mesmo tempo denso e pluralista.⁵

O editorial dessa obra deixa inequívoco o caráter instigante de suas reflexões. Ingo se faz Porta-voz de Foucault em *A ordem do discurso*, quando este diz “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?” para justamente inverter essa questão e questionar “por que é tão perigoso calar, quando há tantas diferenças que precisam ser verbalizadas para que da sua manifestação e de seu cotejo possa se beneficiar, de uma ou outra forma, o gênero humano”?

Poesia e reflexão científica imbricam-se: calar-se também é perigoso. Ingo cita Maiakovski: “Na primeira noite eles se aproximam/ e roubam uma flor/ do nosso jardim/ e não dizemos nada./ Na segunda noite, já não se escondem:/ pisam as flores,/ matam nosso cão/ e não dizemos nada.” Ingo alertava para o silêncio acadêmico, para a necessidade de os pesquisadores expurgarem os dogmatismos, de promoverem o diálogo com o que se diferencia, de estimularem o cotejo, palavra que lhe era tão cara.

Em 2007, mais uma vez pioneiro, inaugurou a Coleção Linguagens de nosso Programa com o livro *O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo*. Nessa obra, Ingo questiona as condições fundamentais da produção e da apreensão do discurso. Com gêneros do humor irônico como corpus, almejava verificar que determinações sociais operam para que a apropriação de vozes e a interpretação se processem. Em destaque, a ânsia pela compreensão do modo de organização social em determinado contexto sociopolítico; o olhar profundo sobre a interação humana com o discurso e sobre o discurso; a correlação entre o que se configura como contexto e o que produz aquele que se enuncia, premido este por escolhas e apropriação de vozes. O dialógico, sobretudo.

Em sua produção intelectual, além das obras que enfatizamos e de inúmeros artigos, outros livros ganham destaque: Argumentação jurídica (2006), Análise do discurso e o ensino de Língua Portuguesa (2004), Mediação dos conflitos como negociação de sentidos (2000), MST na imprensa: um exercício de análise do discurso (1998), O impasse da crítica literária (1976).

Pelos temas tratados em suas obras é perceptível o amplo quadro de interesses e a formação humanista de Voese, intelectualmente inquieto e eticamente comprometido com questões cruciais da vida cotidiana, esmiuçando os discursos, estudando os conflitos, tentando lucidamente mostrar as possibilidades de negociar sentidos para resolvê-los: ele passa pela crítica de arte, pelo jornalismo, pelos movimentos populares de caráter político, pelas questões do Direito, pela argumentação, e desemboca, em seus últimos trabalhos, na região-chave: o mundo da escola e o ensino de língua portuguesa, numa espécie de ápice do caminho para o “segredo”: a leitura, a interpretação, o discurso da amorosidade, da mediação, da intervenção no mundo real. E, a partir do princípio dialógico que aí trabalha e desdobra, perscrutando as vozes próximas e distantes, preconiza a rede de solidariedade que pode levar alunos e professores a

construir seu mundo através da interação, em cenas em que contexto e situação concreta das trocas, com suas circunstâncias específicas, têm de ser considerados.

Sírio Possenti disse dele, na apresentação a *O movimento dos sem-terras na imprensa: um exercício de análise do discurso*, de 1997: “Ingo tem uma virtude importante, que às vezes falta no intelectual: vai ao ponto, mas lamenta o parco poder de intervenção. Ou seja, não se contenta com a descoberta, se ela não lhe permitir um investimento na mudança da realidade. Fica nervoso. Às vezes, dá a impressão de que gostaria de fazer tudo sozinho. Espero que o leitor concorde que, pelo menos, ele fez a sua parte.”

Possenti tem razão. Em proposta de projeto, Ingo manifestava a preocupação de fazer o trabalho acadêmico repercutir no ambiente escolar: “o ensino de 1º. e 2º. graus muito pouco tem se beneficiado das inúmeras pesquisas e atividades realizadas nas academias: ainda há muitas incertezas teóricas que geram polêmicas, o que, em geral, impede discutir um roteiro de análise, e, persistem, ainda, complexos bloqueios para a divulgação e o aproveitamento da produção dos pesquisadores, etc.” Ele estava imbuído da necessidade de operacionalização dos resultados em termos de orientação de uma prática pedagógica.

Em seu último projeto no mestrado em Ciências da Linguagem, Voese – em parceria com a professora Jussara Bittencourt de Sá, especialista em literatura brasileira – pensava com muita preocupação nas crianças bem pequenas. O trabalho a desenvolver, uma abordagem discursiva do texto nas séries iniciais do ensino fundamental, devia concretizar-se num “livro didático” nada tradicional que contemplasse um elenco de textos de diferentes gêneros veiculados em diferentes formas e atividades em torno de núcleos temáticos que evidenciassem o valor cidadania. Essa proposta, que refletiria as diretrizes teóricas e metodológicas da Proposta Curricular de Santa Catarina, tinha como objetivo promover reflexões sobre valores tais como liberdade, respeito, solidariedade, amor, generosidade, justiça, felicidade, paz, lealdade, gratidão, perdão, dentre outros. Até onde o trabalho se desenvolveu, fornecendo subsídios a professores do município de Laguna – onde Ingo residia – víamos o mestre e colega extremamente empolgado com os resultados iniciais. Ele estava convicto de que esse era o caminho para a construção da cidadania.

Uma última palavra dele: “sem o discurso não há o aprendizado da generosidade que funda o amor”. Esse ser humano, com quem tivemos o privilégio de conviver e de quem aprendemos lições de generosidade, “fez a sua parte”, como lembra Possenti.

NOTAS

- ¹ Os autores deste texto configuram-se, antes de tudo, porta-vozes do sentimento e das convicções mais abrangentes que englobam toda uma comunidade em torno dos estudos do discurso: uma comunidade que extrapola em muito o ambiente de docentes, discentes, egressos e colegas de trabalho da UNISUL. Espera-se que esse texto possa, mesmo que modestamente, representá-la.
- ² Professora e pesquisadora da Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, onde coordena o Grupo de Pesquisa "Análise do Discurso, pesquisa e ensino", GADIPE.
- ³ Docente e coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.
- ⁴ Além da UNISUL (a partir de 2002), também tiveram a honra de tê-lo como professor e pesquisador as universidades: Tuiuti do Paraná - UTP (1996-2002), Federal de Alagoas – UFAL (1991-1996), Santa Cruz do Sul – UNISC (1975-1987) e Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ (1971-1972).
- ⁵ Obra disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/00.htm>.

REFERÊNCIAS

VOESE, Ingo. *O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo*. Tubarão: Unisul, 2007.

_____. O discurso como martelo e superfície ou como (não) silenciar inquietações. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 2. Tubarão: Unisul, 2007, p. 271-292.

_____. *Argumentação jurídica*. 2. ed. (rev. atual.). Curitiba: Juruá, 2006.

_____. Vozes sociais citadas e sobrepostas: a polifonia e a dialogia. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 5, n. 2. Tubarão: Unisul, 2005, p. 357-386.

_____. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (Org.). *Linguagem em (Dis)curso*, v. 3, n. esp.: subjetividade. Tubarão: Unisul, 2003.

_____. Ah... se todos fossem iguais (ou não) a uma onda do mar... *Linguagem em (Dis)curso*, v. 3, n. esp.: subjetividade. Tubarão: Unisul, 2003.

_____. Considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa à luz de uma teoria do discurso. *Linhas*, v. 4, n. 1. Florianópolis: Udesc, 2003, p. 25-46.

_____. Desafios para uma análise do discurso (e para o ensino?). *Linguagem em (Dis)curso*, v. 3, n. 2. Tubarão: Unisul, 2002, p. 187-210.

_____. *Mediação dos conflitos como negociação de sentidos*. Curitiba: Juruá, 2000.

_____. *O MST na imprensa: um exercício de análise do discurso*. Ijuí: Unijuí, 1998.

_____. *O impasse da crítica literária*. Porto Alegre: Movimento, 1976.

_____. Os processos de apropriação e de objetivação na interação. *Significação*, v. 13. São Paulo, 1999, p. 227-236.